

PASSOS LARGOS
Adriana Varejão
em seu ateliê, no
bairro do Fieschi, no
Rio. Ela usa vestido,
Céleste Moleni,
sobre camisa, Isabel
Marant. Ao fundo,
políptico Cambocua
(2012).

VOO SOLO

ARTISTA MAIS IMPORTANTE DE SUA GERAÇÃO,
ADRIANA VAREJÃO GANHA RETROSPECTIVA DE SEU TRABALHO
NO MAM, EM SÃO PAULO, E ABRE AS PORTAS
DE SEU ATELIÊ NO RIO PARA HARPER'S BAZAAR

por CASSIANO ELEK MACHADO
fotos CHRISTIAN GAUL

Se quase toda grande história, desde os tempos da *Odisseia*, começa com o jovem herói a caminho de uma viagem que vai transformar para sempre sua vida, a jornada de nossa heroína não foge à regra. Adriana Varejão tinha pouco mais de 20 anos quando partiu. Tomou um avião pilotado pelo próprio pai e, numa terra não muito distante, descobriu passado e futuro, santos e demônios, cores, paisagens e até caminhos secretos ao Oriente. Excessos à parte, e excessos são bem-vindos neste caso, foi nessa jornada que Adriana descobriu o barroco e que o barroco redescobriu o Brasil.

Quando entrou naquele aeroplano, vale dizer, ela só esperava participar de sua primeira mostra coletiva, em Belo Horizonte. Era o início de 1986, e a garota, de Ipanema, ia às Minas Gerais de carona com o pai, um militar catarinense. Uma amiga mineira foi quem lhe soprou: por que você não vai a Ouro Preto? E ela foi.

Quem der um pulo no parque do Ibirapuera, de setembro a dezembro, entenderá melhor a mecânica desse big bang. É lá, no **Museu de Arte Moderna de São Paulo**, que estará em exibição, a partir do dia 3, a maior mostra já realizada de Adriana Varejão, a artista brasileira mais importante de sua geração.

Histórias às Margens, nome dessa exposição panorâmica, com curadoria de Adriano Pedrosa, reúne quatro dezenas de trabalhos feitos nos últimos vinte anos. Estarão nela desde pinturas iniciais, como *Milagre dos Peixes* (1991), até uma obra que Adriana nem havia começado quando recebeu **Harper's Bazaar** para esta conversa.

Estávamos a menos de um mês do vernissage, e, encostada numa parede ao fundo do iluminado ateliê da artista, no bairro carioca do Horto, havia uma tela em branco de alguns metros de largura. Eu só enxergava o vazio; já Adriana vislumbrava nela um panorama da Baía de Guanabara, que pretendia pintar em estilo chinês.



Se na cartografia sentimental da artista Ouro Preto é para sempre um marco zero, todos os caminhos parecem passar pela China.

Não é à toa que uma das pinturas mais importantes do início da trajetória da artista se chama *Passagem de Macau a Vila Rica*, em referência ao então entreposto português na China e ao antigo nome de Ouro Preto. Os contatos entre estes pontos longínquos do mapa deixaram algumas marcas sutis na história, como testemunha o interior achinesado da capela de Nossa Senhora do Ó, em Sabará (MG). Nas artes plásticas de Varejão, os dois universos se entrelaçam carnalmente. Em uma das obras à mostra no MAM, por exemplo, a artista se autorretrata com feições orientais, em pintura feita com tinta a óleo e agulhas de acupuntura. Batizada de *Chinesa*, a tela é de 1992, ano no qual ela resolveu viver três meses na China.



China, é verdade, já vivia com ela no Rio. Graças a um professor de arte, o inglês Charles Watson, da escola do Parque Lage, na capital fluminense, ela havia conhecido um venerável mestre de tai chi chuan. Durante mais de dez anos, Adriana se aperfeiçoou na arte cavalheiresca do zen com o chinês Hu Hsin Shan, morto em 2004, aos 103 anos.

O zen cristalizou-se na voz e nos gestos de Adriana, que, com serenidade de passarinho, se põe a falar sobre outra paixão oriental, a cerâmica Song. Nessas delicadas peças milenares chinesas, ela aprendeu a gostar dos craquelados, pequenas rachaduras que se irradiariam por sua obra. No início discretas, as rachadurinhas ganhariam, progressivamente, espaço nas suas pinturas até irromperem em toda a superfície de grandes obras. Exemplo disso é *Celacanto Provoca Maremoto*, instalação composta por 184 telas que lembram enormes azulejos. A peça está exposta num pavilhão só com obras suas em Inhotim (MG), centro cultural de excelência criado pelo empresário Bernardo Paz, com quem a artista foi casada e tem uma filha, Catarina, 6.

Se chegamos até aqui sem mencionar azulejos não foi acaso. Uma espécie de marca registrada da obra de Varejão, eles são coadjuvantes na atual mostra. "Todo mundo conhece meu trabalho por causa dos azulejos. Se a Prada faz um vestido com estampas de azulejo, já me ligam para dizer: 'Lembrei de você'. Se alguém vai a Portugal e vê azulejos, fotografa e me manda. Então, combinei com Adriano de não usarmos muitos azulejos", afirma.

Foram usados com parcimônia, mas não banidos. Eles aparecem tanto em impactantes obras do início da carreira, como *Proposta para uma Catequese* (1993), quanto em peças mais recentes, como *Parede com Incisões à la Fontana* (2000). Foi com uma obra semelhante a esta que Adriana se tornou a artista contemporânea mais valorizada do Brasil.



RELAX Adriana usa o que diz ser sua "roupa de trabalho". Abaixo, obra Milagre dos Peixes (1991)



HELENA BAZZAN, SIMONE STYLING | BONNERS PRODUÇÃO FOTOGRAFIA TEREZINHA DE CARVALHO | ACRÉDITO: MAMMA PIRELLI | ESTILO: ANDRÉ MENZIES

PROFUNDIDADE Ao lado, da esp. para a dir., obra Parede, de 2001; e óleo sobre tela, O Místico, de 2005



NO BANHO
À esp. óleo sobre tela de 230 x 530 cm, O Sedutor, de 2004. A obra integra a série Saunas e Banhos, iniciada em 2001



“TODO MUNDO CONHECE MEU TRABALHO POR CAUSA DOS AZULEJOS. SE A PRADA FAZ UM VESTIDO COM ESTAMPAS DE AZULEJO. LIGAM PRA DIZER: ‘LEMBREI DE VOCÊ’”



CARNE VIVA Acima, a obra Extirpação do Mal Por Inciura (1994); e, no detalhe, Arma Divers (2011). À dir., de cima para baixo, Figura de Convite I (1997); e Ruína de Charque Caruaru (2000)



PINCELADAS Acima, a artista trabalhando em uma nova obra. Na página ao lado, ela usa vestido *Andra Marques*, e boia, de seu acervo

A MOSTRA INCLUIRÁ PEÇAS EMPRESTADAS POR INSTITUIÇÕES COMO GUGGENHEIM E TATE MODERN. DO MUSEU LONDRINO VIRÁ *AZULEJARIA VERDE EM CARNE VIVA*. A OBRA LIDA COM A MATERIALIDADE DA PINTURA. TRAÇO MARCANTE DE VAREJÃO.

Num leilão em 2011, na Christie's, em Londres, uma tela homônima foi arrematada por inéditos R\$ 3 milhões.

Outro sinal inequívoco de sua valorização é a presença em algumas das principais coleções do mundo. *Histórias às Margens* incluirá peças emprestadas por instituições como Guggenheim (NY) e Tate Modern (Londres). Do museu londrino virá a pintura *Azulejaria Verde em Carne Viva* (2000). A obra exemplifica outro traço marcante da arte de Varejão.

Imagine se uma mão gigantesca arrancasse furiosamente parte de uma parede qualquer de ladrilhos e se por trás deles houvesse uma profusão de vísceras: intestinos, bexigas, tripas. É mais ou menos assim a pintura, uma das muitas obras dela que exploram, de modo violento, as camadas profundas que existem sob as peles de cada ser ou objeto. Ao realizar este tipo de procedimento, Varejão não só dialoga com um aspecto importante de seu desenvolvimento como artista, que é o de lidar com a materialidade da pintura, como o faz à moda barroca, explorando os excessos.

Onde normalmente só se enxerga a violência é possível ver algum humor. Adriana se anima com o tema. "Adoro humor, tanto o humor negro quanto a ironia." Não é difícil perceber,

no universo Varejão, as inúmeras referências eruditas, bem mapeadas tanto no catálogo da mostra *Trabalhos e Referências* (1999), curada por Adriano Pedrosa, quanto no melhor livro sobre a artista, *Entre Carnes e Marés* (ed. Cobogó). Mas poucos poderiam imaginar que ela fosse fã da revista *Mad*.

O bom humor marca em especial sua produção mais recente. Depois de se apaixonar pelo trabalho do ceramista Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), Varejão resolveu fazer obras semelhantes às extravagantes esculturas do artista português. Nos últimos três anos, ela vem produzindo grandiosos pratos. São decorados com pinturas de figos ou ornamentos de resina que imitam mariscos e lagostas. "Cheguei a eles impulsionada pelo que sempre me moveu: uma enorme curiosidade."

A exposição termina com um destes enormes pratos, mas a curiosidade continua levando a artista adiante. Aos 47 anos, ela tem se dedicado ao projeto *Tintas Polvo*, no qual desenvolve tintas a óleo correspondentes às cores de pele que os brasileiros declaram ter. São tonalidades como "encerada", "puxa-para-branca" e "queimada-de-praia". A artista não hesita para escolher qual definiria sua pele. "Ah, sou branca-melada, né?" □

